



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.



S U M Á R I O

- 2** | *Federação, Confederação ou Império: Qual o futuro da União Européia?*

João Fábio Bertonha

- 5** | *As relações internacionais como oportunidade profissional: Respostas a algumas das questões mais colocadas pelos jovens que se voltam para as carreiras de relações internacionais*

Paulo Roberto de Almeida

- 11** | *A Eleição do Hamas e o Princípio Democrático*

Hugo Arend

- 13** | *Internacionalização versus exportação: o caso da suinocultura brasileira*

Rodrigo Cintra e Mariana Ricci

- 17** | *Primeiros passos do pontificado de Bento XVI*

Virgílio Arraes

- 19** | *Comércio internacional e a disputa por corações e mentes*

Thiago Lima

Primeiros passos do pontificado de Bento XVI

Virgílio Arraes*

Há cerca de um milênio, os escolhidos para receber a elevação ao cardinalato passam a ter duas funções precípuas: auxiliar o Sumo Pontífice em assuntos relevantes e participar da escolha do sucessor do primeiro representante da Igreja Católica, por meio do conclave, cuja participação veda-se aos octogenários. Ao longo de seu duradouro pontificado, João Paulo II propiciou um perfil conservador ao colégio cardinalício, de forma que a indicação de seu sucessor não apresentaria variação significativa em relação ao comportamento adotado pela Santa Sé desde o fim dos anos 70.

A surpresa maior – se posta a nacionalidade de lado, vista a expectativa de um italiano novamente ocupar a titularidade da Santa Sé – se restringiria à idade avançada do preferido, à frente durante muito tempo da Prefeitura da Congregação para a Doutrina da Fé. Aos 78 anos, Ratzinger foi o eleito mais idoso desde a escolha de Clemente XII em 1730. Deste modo, as primeiras impressões apontam para um papado de transição, sem riscos visíveis de solavancos políticos ou teológicos, com a revivescência da fórmula aplicada ao escrutínio de outubro de 1958, por meio do qual se apontou o nome do septuagenário Angelo Roncalli, futuro João XXIII, Patriarca de Veneza. Ele surpreenderia o mundo, logo após sua eleição, ao anunciar a convocação do Concílio Vaticano II (1962-1965) e desenvolver oficiosamente contatos com o Leste europeu.

Contudo, não há indícios de que Ratzinger se torne um novo Roncalli. Não obstante o fim da Guerra Fria, parcialmente resultado da gestão da Santa Sé sob João Paulo II, Ratzinger havia constantemente feito referências à situação da Igreja perante o mundo secular: uma pequena embarcação sacudida em meio a ondas de liberalismo, comunismo, agnosticismo e ateísmo. Na visão de Bento XVI, por conseguinte, cabe

ao Papado a tarefa de estar alerta, com o objetivo de resguardar a fé cristã, ou seja, de ser o palinuro a conduzir a instituição diante de tais ameaças.

Assim, a Igreja tem diante de si o desafio de preservar seus fiéis de determinados valores da contemporaneidade, como a chamada cultura da morte – aborto, eutanásia, pena de morte, dentre outros. Neste sentido, o Papado deve manter tal diretriz como a principal tarefa da instituição, ao dedicar menos atenção à política internacional, ou seja, não haverá o mesmo empenho em relação aos efeitos deletérios do neoliberalismo como o executado durante a bipolaridade, com o socialismo real, algo perceptível desde os anos 90.

No entanto, isto não significa uma postura de hostilidade, ainda mais se relativa a outras denominações. É simbólico que o novo Papa tenha escolhido Bento para ser o seu nome: afinal, o moto de seu santo homônimo, patrono da Europa, havia sido paz. Registre-se que a destreza daquele nobre romano havia sido a de conjugar, em meio aos despojos imperiais no início da Idade Média, os valores cristãos, a herança clássica e a cultura germânica e a eslávica, a fim de fomentar uma nova civilização, de acordo com a avaliação do próprio Pontífice.

Em sua primeira missa papal, Bento XVI mencionaria a necessidade da unidade entre os cristãos e de diálogo aberto e sincero com fiéis de outras religiões. Em sua visão, o Concílio Vaticano II dita o compasso da Igreja contemporânea, ainda que entre ele e seu predecessor, de acordo com o Cardeal Avery Dulles, s.j., haja divergência na interpretação do teor. Ainda assim, para o presente Pontífice, deve-se reiterar o ecumenismo com o estabelecimento de diálogo permanente a fim de romper antigos antagonismos.

Desta forma, dever-se-ia ir além do campo teológico, ao recorrer-se da história para estudar os

* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (iREL-UnB).

possíveis motivos de cisão. Ademais, o contato com outras culturas religiosas deve também ser mantido, ao continuar a caminhada diplomática de João Paulo II, com o fito de reforçar a paz universal e, por extensão, negar validade ao primado do choque de civilizações. Portanto, em linhas gerais, Bento XVI sinaliza o mesmo norte de João Paulo II, o que não significa a existência de divergências em alguns pontos, dentre os quais:

Processos de beatificação e canonização: o ritmo deverá provavelmente ser menos intenso e mais discreto. João Paulo II efetivou mil e 340 beatificações e 482 canonizações com a conseqüente superação da soma estabelecida desde o século XVI. A Bento XVI, porém, observa-se a possibilidade de ratificar mais um nome ainda: o de Karol Wojtyła, mesmo diante da existência de processos relativos a outros papas, cujas aberturas decorrem de décadas, como o de Roncalli, por exemplo;

Colégio Cardinalício: 15 nomes foram apontados ao final de fevereiro, sendo em março a data do consistório. Segundo o Papa, os indicados, naturais de 11 países, refletem a universalidade da missão eclesial. Três são octogenários, o que resulta na

observância do limite de 120 cardeais componentes do Colégio – norma estabelecida por Paulo VI em 1973. Dentre os nomes, destacam-se o de Joseph Zen Ze-Kiun, de Hong Kong, que, não obstante as críticas lançadas ao regime de Pequim, desenvolve políticas para mediar o relacionamento entre a Santa Sé e a China, rompido formalmente desde o início da década de 50 e o de Stanislaw Dziwisz, Secretário de João Paulo II.

Três aspectos chamam a atenção: a ausência na lista do Arcebispo André Vingt-Trois, titular de Paris, cidade normalmente representada por um purpurado, e a figuração de Jean-Pierre Ricard, de Bordéus, como membro da França; a representação considerada exagerada de norte-americanos no Colégio, com a presença de mais dois: William Levada, sucessor de Ratzinger na Prefeitura da Congregação para a Doutrina da Fé, e Sean O'Malley, de Boston. Desta sorte, os Estados Unidos passam a contar com 15, dos quais apenas dois não votariam mais, estando, portanto, em segundo lugar no número total de cardeais; por último, a inexistência de representantes do Brasil e México no próximo consistório, países com mais católicos oficialmente que Estados Unidos.



Meridiano 47

Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais



INSTITUTO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 1518-1219

Editor: Antônio Carlos Lessa

Editor-adjunto: Virgílio Arraes

Editor-assistente: Rogério de Souza Farias

Conselho Editorial:

Amado Luiz Cervo, Antônio Jorge Ramalho da Rocha, Argemiro Procópio Filho,

Estevão R. Martins, Francisco Doratioto, José Flávio S. Saraiva, João Paulo Peixoto, Tânia Pechir Manzur.

Projeto Gráfico: Samuel Tabosa de Castro – samuel.tabosa@gmail.com